



# GNOSE

## IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha  
Patriarca: Tonapa

ANO VII - Nº. 75

Arcanjo da Estação Outono: MIGUEL

Junho 2009

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.  
Home page: <http://www.fra.org.br> E-mail: [fraternitas@fra.org.br](mailto:fraternitas@fra.org.br)

### A VOZ DO PATRIARCA

#### Os órgãos necessários a clarividência consciente e os graus de desenvolvimento II (continuação)

Por que meio poder-se-á atingir tal independência relativamente ao corpo físico, esse estado que nos permite um conhecimento análogo ao que vem no momento da morte?

O homem não se pode preparar para isso senão cultivando certas gradações de sentimentos que agem sobre a alma de um modo tão profundo que, só por sua força, agarram, por assim dizer, com corpo etérico, e o elevam por alguns instantes fora do corpo físico. É o que descrevemos em seguida. Não seria possível obter esse resultado por processos exteriores ou por meios físicos. Isso seria querer chegar ao mundo espiritual permanecendo preso as condições do mundo físico, isto é, por em dúvida o poder mesmo desse mundo espiritual. Só, absolutamente, por atos interiores, pela energia da alma, pode o homem obter um resultado. Sem abordar ainda os detalhes desses exercícios podemos dizer, entretanto, que a coisa essencial é chegarmos a transformar totalmente, a revirar completamente a esfera dos nossos interesses.

De manhã à noite nós nos interessamos por mil coisas que concernem ao mundo em que vivemos, e nisso temos toda razão, porque precisamos adaptar a esse mundo os nossos sentidos e o nosso raciocínio.

Tornamo-nos mais ou menos cativos do que vemos e é nesse jogo natural de interesse que sentimos pelas coisas exteriores, que se passa na vida da maioria dos homens. É, todavia, possível, sem por isso tirarmos coisa alguma do frescor e da intensidade dessas impressões exteriores, reservarmos alguns momentos durante os quais elas não ajam mais sobre nós: tudo o que nos cerca nos torna, então indiferente, e cortamos nitidamente todos os laços que a elas nos prendiam.

Seria, evidentemente, um erro manter esse estado de alma durante toda a vida; só lhe devemos consagrar alguns momentos escolhidos. É por assim dizer, em momentos solenes de nossa vida que devemos deixar morrer assim todo interesse que temos pelo mundo que nos cerca.

Precisamos, portanto, adquirir uma dupla faculdade; a de manifestar, de um lado vivo interesse por tudo que o mundo exterior contém de alegria e de dor, de prazer ou de amargura, assim como pelas manifestações da vida que nasce, floresce, expande-se e extingue-se; do outro, a de nos reservarmos outros inte-

resses.

Devemos reservar um interesse espontâneo pelo mundo exterior, para que não permaneçamos na terra como estranho; isto seria proceder como egoístas e privar nosso campo de trabalho de forças que lhe devemos trazer. Mas é preciso, também, para atingirmos os mundos superiores, cultivar o outro lado de nosso ser. Isto consiste em podermos extinguir em nós mesmos, em alguns momentos solenes de nossa vida, todos os nossos interesses exteriores.

Se tivermos a paciência, a energia, a perseverança necessárias para o fazermos por tanto tempo quanto nosso destino o exigir, sentiremos com isso uma grande força interior. A impressão do externo que morre, revive mais ativamente ainda dentro de nós. Viveremos uma vida nova e chegaremos ao instante que faz considerar como uma pequena parte da existência a que não se alimenta senão de percepções físicas

A vida interior que assim descobrimos é como que uma ressurreição no mundo espiritual e ultrapassa a primeira de tal maneira que não é a morte, e sim um grau de vida acrescida, que dela resulta.

Se essa pura força espiritual se torna bastante vigorosa em nossa alma, conheceremos, pouco a pouco, momentos em que somos senhores de nosso corpo etérico, em que este não mais toma a forma que lhe impõe as estruturas que lhe impõe as estruturas de nossos órgãos físicos, mas a que lhe podemos dar por intermédio de nosso corpo astral. Reveste-se, então, das formas que tenhamos sabido dar ao corpo astral pela meditação e pela concentração.

Passamos, então, da “preparação” a “iluminação”, isto é, ao segundo grau da clarividência. O primeiro grau, no qual transformamos nosso corpo astral para que nele pareçam órgãos, é também denominado “purificação”, porque esse

corpo é então purificado e purgado das forças do mundo sensível. O grau no qual o corpo astral consegue imprimir sua forma até no corpo etérico corresponde ao momento em que o mundo espiritual se ilumina para nós.

O que acabo de descrever coincide com experiências que todos podem fazer, e que são as mesmas para todos os que percorrem este caminho. A primeira dessas experiências resulta no corpo astral dos exercícios de meditação e de concentração; ocorre na ordem dos sentimentos e se resume em uma separação que divide o conjunto de nossa personalidade. No instante em que vivemos esse fato em plena consciência, percebemo-nos como que formados de duas personalidades, como se fossemos uma espada na respectiva bainha.

Antes teríamos podido nos comparar a uma espada que, em lugar de repousar na bainha, se fizesse uma com ela; fazíamos um com o nosso corpo físico. Esse corpo aparece desde então como um estojo. Essa libertação interior, esse sentimento de termos tornados uma segunda personalidade nascida da antiga, é a primeira grande experiência feita no caminho do conhecimento clarividente.

É preciso insistir, a esse respeito, que tal experiência tem lugar na ordem de nossos sentimentos íntimos. Devemos nos sentir liberto de nós mesmos no interior da antiga personalidade. Os termos espada e bainha não passam, evidentemente, de uma comparação, porque a espada é limitada de todos os lados pela bainha, ao passo que a alma conserva o sentimento de sua mobilidade interior, como se pudesse ultrapassar de todos os lados a superfície do corpo físico, passar através da pele, estender-se além dela, até a um mundo espiritual ainda obscuro, mas já perceptível.

A segunda experiência consiste num desdobramento, mais acentuado, no

decorrer do qual a nova personalidade adquire pouco a pouco a faculdade de se separar espiritualmente da primeira, e de sair dela. Embora isso se dê muitas vezes por um tempo muito curto, parece ao homem perceber-se a si mesmo como se encontrar em face de seu duplo. Esta segunda experiência é de importância ainda maior que a primeira, porque tem um caráter que é muito difícil de suportar. Não se deve, com efeito, perder de vista que o homem, em toda sua vida normal, se encontra no corpo físico. Enquanto aí se conservam, o corpo astral e o EU harmonizam-se com as forças desse corpo físico, esposam-nas, por assim dizer.

Tomam a forma do fígado, do coração, do cérebro etc. O mesmo acontece com o corpo etérico, enquanto no corpo físico. Que se reflita bem sobre o que são os órgãos do coração, do cérebro, sobre a obra prima de habilidade que eles representam. Que se imagine o que significa a arte e o trabalho do homem diante dessa obra da Criação!

Que representam a produção do homem e sua arte atual em face dessa arte dos deuses que criaram nosso corpo físico e que nos protegem por tanto tempo, quando nele permanecemos? No estado de vigília, nós estamos, por esse corpo, unidos pela criação divina e, por ele nosso corpo etérico e nosso corpo astral assumem formas que os deuses mesmos criaram. Se dele nos libertamos, tudo se modifica. Porque nos separamos, ao mesmo tempo, dos maravilhosos órgãos que são a obra dos deuses. Assim, não deixamos o corpo físico com uma causa imperfeita que desde-nhamos, é da mesma forma como o templo que os deuses construíram para nós e onde vivemos no estado de vigília. O que nos tornamos então?

Suponhamos que um feiticeiro possa nos ajudar a cultivar esse corpo físico

sem nenhuma preparação. Esse corpo fica só, o corpo etérico o abandona com o corpo astral, e passamos por uma experiência comparável a da morte. Em que estado nos encontraremos? No que resulta do que tenhamos feito em nós mesmos, de encarnações em encarnações. Enquanto permanecemos, de manhã à noite, na criação divina que é nosso corpo físico, aí corrigimos o que fizemos no curso de nossas existências precedentes; mas no momento em que dele saímos, o corpo astral e o corpo etérico se encontram tais como fizeram no decorrer das vidas anteriores.

Se deixarmos esse corpo físico sem a preparação suficiente, a forma de nosso ser espiritual não será nem mais elevada, nem mais nobre, nem mais pura do que o era quando habitava esse mesmo corpo; possuirá ainda todas as imperfeições que reuniu em seu destino

Nada disso se percebia enquanto esses elementos habitavam o templo físico. Se nos tornamos clarividentes, no momento mesmo em que deixamos o nosso corpo físico, todos os instintos e paixões que nos restam de nossas vidas anteriores, nos tornam visíveis. No curso da evocação futura podemos supor que teremos de passar ainda por uma série de encarnações. Teremos ainda muita coisa que realizar; o gérmen já existe nessas paixões, nessas tendências, nesses instintos que se formaram durante as nossas vidas anteriores. Todas as ações que praticamos no mundo, todas as faltas de que nos tornamos culpados, tudo o que devemos corrigir no futuro já está incorporado aos corpos astral e etérico, quando eles deixam o corpo físico. Nós nos encontramos face a face conosco mesmo, a alma nua, por assim dizer, se nesse momento tivermos tornados clarividentes. Apercebemo-nos, então, de quanto estamos longe desse estado de perfeição no qual

os deuses criaram nosso corpo dessa perfeição que deve ser o fim de nossa evolução.

É esse o resultado da experiência da iluminação, que se denomina o encontro com o guardião do umbral. O que é real não perde mais de sua realidade segundo saibamos ou não vê-lo. Esse vulto que nos aparece no instante que acaba de ser descrito é sempre o mesmo em nós. Mas não podíamos vê-lo antes porque não tínhamos saído de nós mesmos e não nos tínhamos visto tais como somos. Na vida ordinária, o guardião do umbral, que não percebemos senão no instante em que nos libertamos, preserva-nos de experiências que não saberíamos ainda suportar.

Devemos adquirir previamente a energia que nos permitirá ver estender-se diante de nós o mundo do futuro e contemplar sem medo o que fizemos no passado, porque teremos então a certeza de que poderemos reformar o que é imperfeito.

Preparando-o para a clarividência é que devemos adquirir a faculdade de viver esse instante sem que ele nos esmague; é preciso reforçar as qualidades positivas e ativas de nossa alma, intensificarmos o mal, possível nossa coragem, nosso sentimento de liberdade, nosso amor, a energia de nosso pensamento lúcido, afim de que seja pela força e não pela fraqueza que deixemos nosso corpo físico. Se ficarem no homem ansiedade e receio em demasia ele não poderá suportar sem dano o encontro com o guardião do umbral.

Ve-se, portanto, que a contemplação do mundo espiritual está sujeita a certas condições que exigem do homem que transforme completamente seu ser, porque se trata de atingir o mais elevado objetivo de toda vida humana. O maior bem que se possa fazer atualmente a

um homem é o de lhe descrever o que experimentaram aqueles que contemplaram os mundos superiores, no momento em que para isso ele se prepara; mostrar-lhe o que se pode compreender, saber dessa experiência, antes de participar pessoalmente dela.

Sem dúvida o verdadeiro estudo só tem início quando nós vemos. Mas se pudermos conceber já, cada vez mais claramente, o que ensina a investigação, pode-se encontrar a confirmação pelas manifestações da vida. Esforçar-mo-nos para adquirir assim uma visão de conjunto das coisas, antes de podermos contemplá-las nós mesmos, é o proceder como convém hoje em dia. É preciso, primeiro conhecer a fundo a vida espiritual.

Em seguida, as noções e os pensamentos fortes e estimulantes que dela nos vem, guarnecem nossa alma não só de uma teoria do conhecimento, como também de novas qualidades de pensamentos, de sentimentos, de vontade que nelas mergulham.

Se tivermos passado por esse treinamento, o encontro com o guardião do umbral que toma um aspecto completamente diverso. O medo e a angústia são mais fáceis de vencer quando, pelas narrações de um terceiro, adquirimos alguma experiência dos mundos superiores.

Quando tenhamos visto assim confrontados conosco mesmos, e que tenhamos encontrado o guardião do umbral, o mundo começa a se mostrar sob um aspecto completamente novo, e somos levados a dizer até hoje em criar o saber pelo fogo; mais isto não passava de uma ilusão, porque não há entre o fogo verdadeiro e o que eu tomava por ele até agora, senão uma bem fraca relação.

(continuará)

Rudolf Steiner – Gnose dezembro 1938